



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

ERA UMA VEZ...

Topa a Tudo-Chimpanzé

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de A. CASTANHE

T

OPA-a-TUDO era um chimpanzé que viera de Benguela, Africa ocidental, onde nascera e fôra criado, a biberão, bolachas e pão de ló, por sua dona e seu dono, *siôa* Dona Alzira Miranda e seu marido o *siô* comendado, como os tratavam os pretos ao seu serviço.

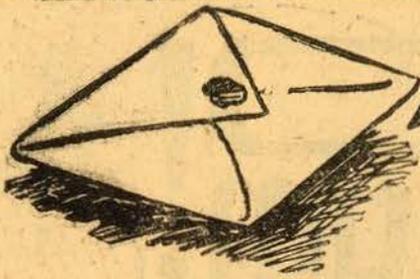
Filho dum casal de chimpanzés, caçados pelo próprio comendador, e já mortos há anos, era pelo dono quasi tratado como um filho revendo-se ás vezes nele, dada a semelhança que tinha consigo próprio pois, como ele, usava suissas, tinha uns olhos pequenos mas vivos, maxilares bastante desenvolvidos e era, também, um pouco atarracado.

Sempre vestido como um homem, andava, por vezes, de automovel, com uma manta de peluche sobre as pernas, fumava charutos caros e fingia ler os jornais para presumir instrução aos olhos de toda a gente que, ao vê-lo tão compenetrado do seu papel, se ria a bandeiras despregadas.

Com seu ar desdenhoso, olhava Topa-a-Tudo o criado preto que o servia á mesa, como um patrão orgulhoso em



(Continua na 3.ª página)



hieroglifica

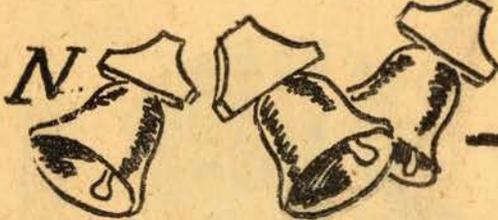
Meus



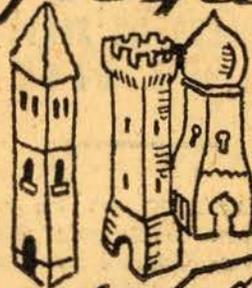
O n direc -RE



sauída os seus peque-



-Slei



-R

prometendo-lhes -AO



+A breve gr -A+E e sen-



sacionais



-L+R





TOPA A TUDO-CHIMPANZÉ

(Continuado da pag. 1)

face dum subalterno. E a tantas contumélias se habituara o nosso chimpanzé que se convencera de que era, na realidade, um ser privilegiado, uma importante personagem no grande palco do mundo.

Macaqueando tudo quanto via fazer ao seu semelhante da espécie humana, Topa-a-Tudo-chimpanzé lavava os pés com sabonete ovo-luxo, cortava os calos, giletizava a barba e até punha verniz nas unhas, deliciando-se com

UMA INFANTILIDADE

HÁ um bebé que mal fala
mas já pula, canta, berra;
que já tem «bonet» de pala
e espada com que ir á guerra.

Mas, mal falando, já diz
que um militar há-de ser,
p'ra defender o país
sem coisa alguma temer.

Ele é bem forte e aprumado,
com aspecto de guerreiro;
quer', portanto, ser soldado
e ser um bom cavaleiro.

Quer ser de cavalaria,
para, audazmente, avançar;
e, na grande correria,
o inimigo dizimar.

Quere um fozoso corcel
mas que não tenha manias,
e que fuja bem com êle,
porque a vida são dois dias!

Se o inimigo fôr forte
e não puder derrotá-lo,
fará recuar a Morte,
recuando o seu cavalo!

O AVÔZINHO

o cheiro a banana que ele exalava pois era esta a fruta da sua predilecção.

Certa manhã de Primavera, entrando Topa-a-Tudo num corte de «ténis» onde estavam jogando graciosos grupos de elegantes rapazes e raparigas, pegou, imprevisivelmente, numa «raquette» e, aos pulos, num desafio, aguardou que lhe atirassem, também, uma bola, a qual se não fez esperar, entre a geral galhofa dos presentes, surpreendidos por tão inesperado e divertido espectáculo.

A bola, porém, em vez de chocar na «raquette» foi acertar, em cheio, no focinho do mono que, largando a «raquette», e vendo as estrélas sób a luz solar, desatou a fugir, aos guinchos, com as mãos pelo chão.

Envergonhado, vexado por tão grande insucesso, por tão tremendo fiasco, dirigiu-se á praia que, a uns cem metros de distância, resplandecia ao sol, doirada e faiscante plena de toldos, barracas e banhistas sentados ou estendidos na areia luminosa.

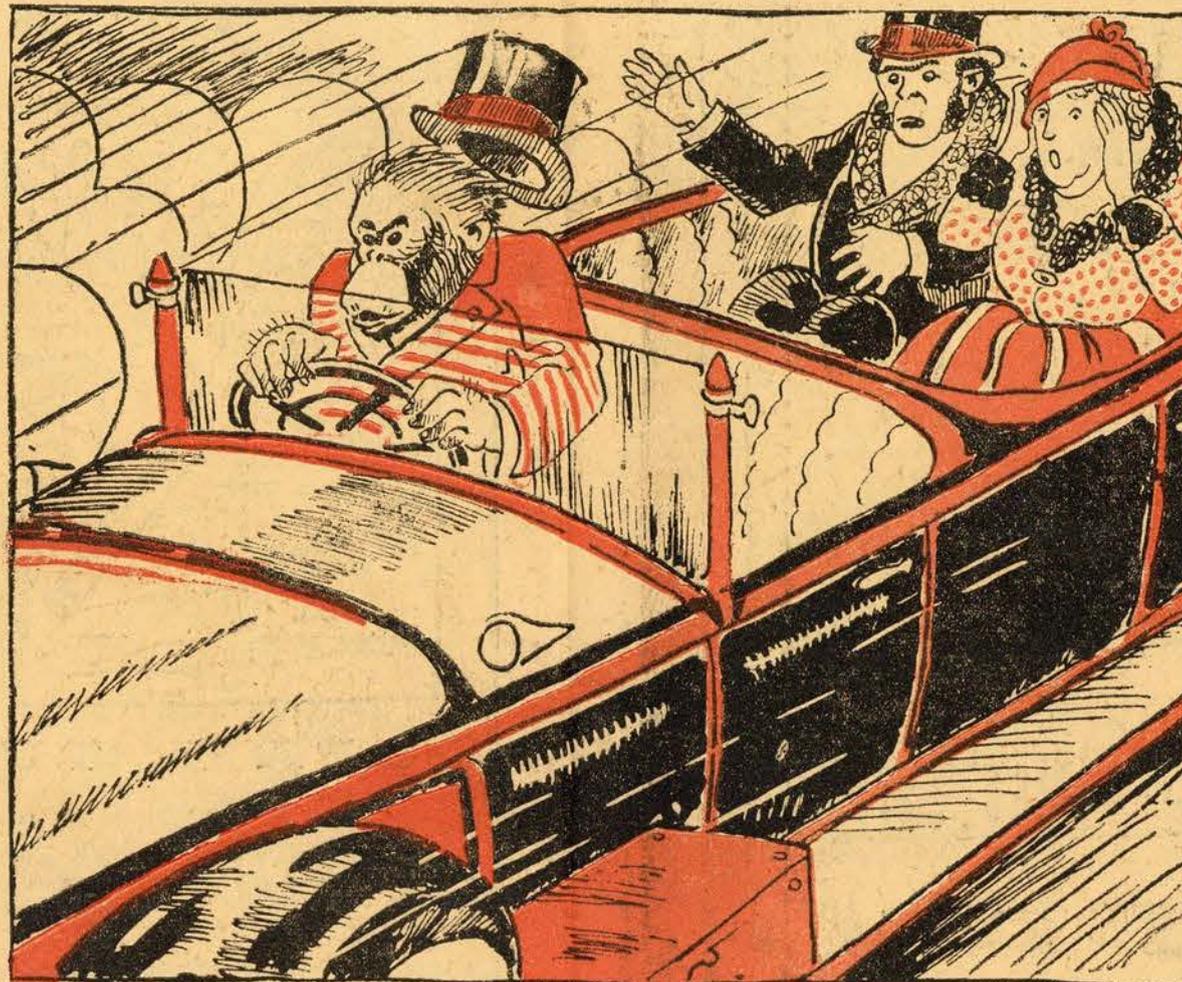
As ondas do mar desfazendo-se em espuma, quebravam-se contra as pequeninas rochas, as chatas, as guigas á margem da praia, entre o folgazo alarido de crianças e adultos, descalços, molhando os pés.

Ao inesperado aparecimento do Topa-a-Tudo, os bebés, assustados, fugiram a chorar, com medo, para junto de seus papás e uma geral galhofa por parte dos adultos, acolheu a aparição imprevista.

Indiferente a tais manifestações, o nosso chimpanzé, coçando, por vezes, com gestos cómicos, na cabeça e a pestanejar constantemente, saltou para uma guiga e, pegando nos remos, sem dar tempo a que ninguém se opuzesse, meteu-se ao mar, remando furiosamente.

Já a uns cinquenta metros de distância, Topa-a-Tudo largando, momentaneamente, os remos, e batendo as palmas, de contente, fazia monices para os que, na praia, á beira-mar alinhados, riam, á gargalhada, surpresos, comentando o inédito espectáculo.

Então, subitamente, os conhecidos banheiros Alípio e «Zé do O», temendo a perda da guiga, saltaram cada qual para a sua chata e, metendo-se ao mar, com rema-



das de mestre, largaram prontamente, em perseguição do ousado chimpanzé.

Percebendo que lhe iam no encalço, Topa-a-Tudo-chimpanzé, a redobrar de furór, agitava ainda mais os remos, em rápida fuga, proporcionando aos banhistas, que, na praia, assistiam á improvisada regata, um emocionante espectáculo alegre e divertido.

De repente, porém, ao ver-se quasi alcançado pelos banheiros, Topa a Tudo, desorientado, tentando apanhar um remo, que deixara cair ao mar, com a atrapalhação, tanto se debruçou que fez voltar-se a guiga e se encontrou: — chap... chap... chap... a chapinhar na água.

Não sabendo nadar e como qualquer gorila em tais circunstâncias, dispunha-se já a fechar os olhos, a tapar os ouvidos e a deixar-se ir por água abaixo, quando se sentiu agarrado pela gola do casaco e arremessado para dentro da chata do Alípio banheiro, onde se acocorou, com as mãos na cabeça, molhado como um pinto...

Transportado á praia, ao pôr de novo o pé na areia firme, entre a geral chacota dos assistentes, Topa-a-Tudo, vexado nóvamente, desatou a fugir praia fóra, desaparecendo ao fundo da estrada que conduzia á vila. E, assim que chegou a casa, D. Alzira Miranda ao vê-lo tão encharcado, entre aflitivas exclamações, chamando o pretinho Tomé, ordenou-lhe que, imediatamente, lhe desse uma fricção com álcool e lhe mudasse a roupa.

Meia hora decorrida, Topa-a-Tudo, já enfarpelado de

novo, siã D. Alzira Miranda e siô comendado eram conduzidos pelo motorista, o preto Nicolau, no seu rico «Roll-royss», em plena avenida 24 de Julho.

Topa-a-Tudo, ao lado de Nicolau, olhava, de quando em quando para trás, para os donos que se iam revendo nele e tomava a mesma atitude emproada do comendador, macaqueando os cumprimentos que ele, por vezes, fazia.

Subitamente, o automóvel parou, a-fim-do motorista deixar cartões de visita, que D. Alzira lhe entregara, na porta 224 da referida avenida.

Aproveitando a ausência de Nicolau na almofada do auto, repentinamente, Topa-a-Tudo, deitando as manípulas ao volante e pondo o carro em marcha acelerada, entre o espanto do preto e os gritos aflitivos dos patrões, parte, como uma seta, pela avenida fóra.

Sem obedecer ás ordens dos sinaleiros, Topa-a-Tudo já havia atropelado um cão, dois gatos, quatro perús, que um vendedor ambulante conduzia, e um burro com cangalhas que foram escangalhar-se perto, estatelando sób o passeio toda a mercadoria, quando, subitamente, com grande estrondo o automóvel estacou contra as cancelas fechadas, duma passagem de nível, quasi á passagem de um comboio-electrico vindo do Cais-Sodré.

Tendo previsto a catástrofe, Topa-a-Tudo dera, antes do desastre, tamanho salto que conseguira ficar ileso.

Ao ver, porém, o estado deplorável em que ficára

toda a parte dianteira do carro, resolveu pôr-se em fuga, dirigindo-se, em correria louca, para a doca de Alcântara, em cujo hangar pairavam, sób as águas mortas do Tejo, alguns hidros da Aviação marítima.

Já, por vezes, Topa-a-Tudo, vendo pairar sób a sua cabeça, a grande altura, os ruídosos motores, as grandes hélices e as longas asas dos mecânicos pássaros enormes, sentira tentações de voar, também, como os aéreos pilotos com seus fatos macacos. E, então, pensara muitas vezes: — se os fatos eram macacos, porque motivo, sendo ele, também, macaco, não havia de subir como eles?!

Impellido por tal desejo, tendo já observado, vezes sem conto, como se maneja um motor, saltou, repentinamente, para uma das carlingas e, pondo os motores a trabalhar: — z-z-z-z-z... z-z!... ei-lo que se eleva sób o rio, sem dar tempo a que ninguém se opuzesse e entre o espanto de todos que haviam presenciado a sua deliberação.

Pairava, agora, sób a cidade, fazendo, inconscientemente, acrobacia, até que, por fim, após três reviravoltas mirabolantes, se despenhou das alturas, vindo cair sób um pára-raio, onde ficou espetado e onde se tornou vítima duma morte macaca.

*Meninos; — nesta lição,
tendes muito que aprender...
Não pretendam nunca ser
macacos de imitação.*

*Ninguém queira aparentar
o que, em verdade, não é;
porque, assim, pode igualar
Topa-a-Tudo-chimpanzé!*

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■



TÒJÉ E O ARROZ-DOCE

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

MEUS meninos: — o Tòjé da Costa Mendes Vizela é um guloso bébé que todo se lambe e péla, sempre que num prato vê arroz doce com canela.

Sua mamã já lhe disse, por vezes, que não fizesse a nojenta bodeguice de lamber a superfície dos doces que ela puzesse sôbre a mesa, ou que êle visse na despensa, porque um dia êle se arrependeria de tamanha gulodice.



Supõem que êle emendou-se? Pois enganam-se. Uma noite a mamã fez arroz doce e murmurou: — «quem se afoite a vir lamber este doce, apanhará um açoite».

Mas fôsse pelo que fôsse, o que é certo é que ela o trouxe para a casa de jantar,



onde o pôs, sem o guardar, e, logo após, retirou-se.

Vendo sôbre êle a canela cheirando divinalmente, a tentação de lambê-la tal foi ela, que a língueta, de repente, dispôs-se à lambuzadela.

Vai, nisto, um grande berreiro pôe toda a casa em alarde! Era Tojé, lambareiro, aos gritos: — «tenho um brazeiro na língua que toda me arde!...»

Acode-lhe a Mãe que o senta ao colo e lhe diz: — «bem bela foi esta lição cruenta; castigo de quem intenta desobedecer!»

E' que ela misturara na canela uma porção de pimenta!

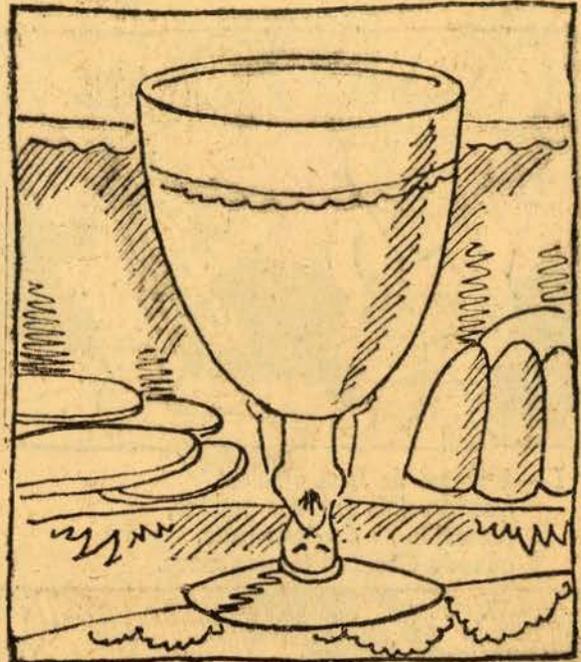
■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

HORA DE RECREIO

CORRESPONDENCIA



A DIVINHA



Manoela Costa Paiva. — Recebemos a tua colaboração que muito apreciámos. Parte dela será publicada como desejás. A outra parte não tem razão de ser no nosso suplemento.

Sarapico — Braga. — Não podemos publicar as tuas adivinhas sem que mandes as respectivas soluções.

Fernando Soares. — Moita. — Satisfazendo o teu pedido, brevemente publicaremos novos jogos. Ainda bem que gostaste do Futebol-Pim-Pam-Pum e que ele tem feito grande sucesso.

Cabeça de Vento. — Quem, com tal pseudónimo, apresenta o respectivo atestado, nunca deve esperar êxitos literários.

Jozezito-zito. — Já te tenho dito que não é bonito... plagiar. Já estamos precavidos contra tais abusos.

Rosa da Conceição Matos. — Podes mandar o conto a que te referes. Se fôr capaz de figurar no nosso suplemento será publicado com as respectivas ilustrações.

Melro. — O nosso director, que já se encontra restabelecido, agradece muito a tua cartinha e o teu interesse.

Um abraço muito apertado do vosso

TIO PAULO

ERRATA

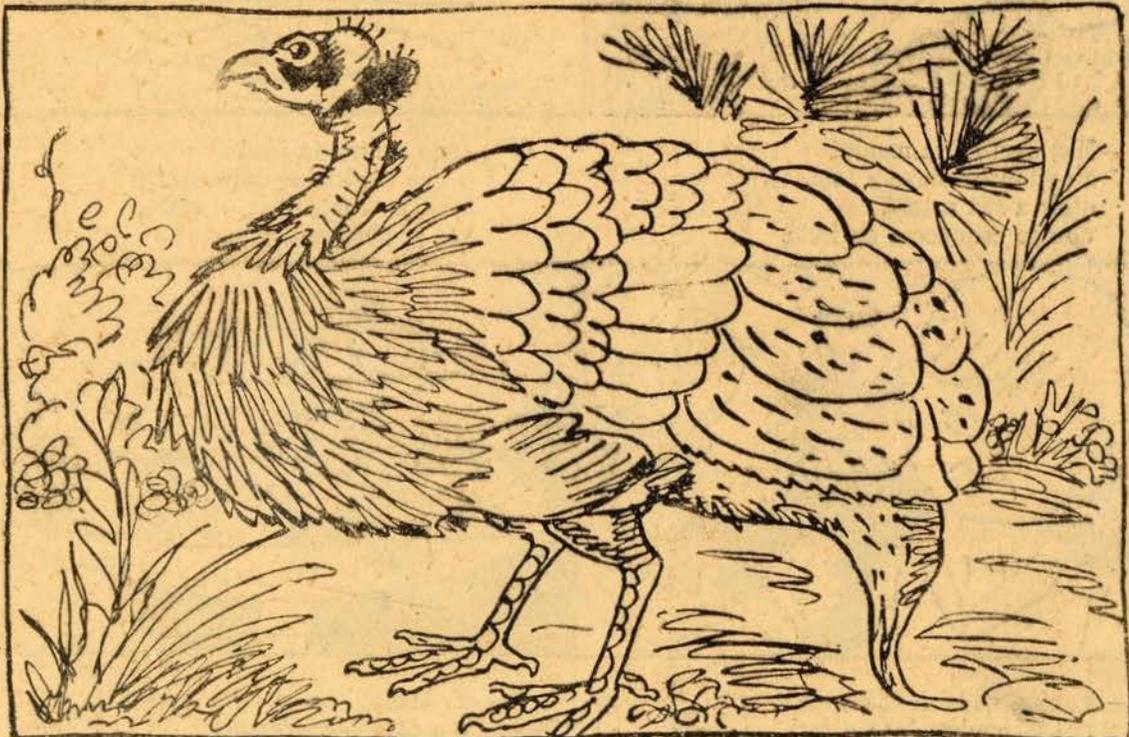
No passado número, saíram algumas gralhas que escaparam á nossa revisão e que alteram o que escrevemos atentando, por vezes, contra a gramática. Assim, no subtítulo do con.o — *A Pele do Tigre*, deve ler-se *Riquinho em Africa*, em vez de *Chiquinho*.

No final da correspondência, em vez de *que nos enviastes*, deve ler-se *que nos enviaste*; e outras de somenos importância.

MEUS MENINOS:

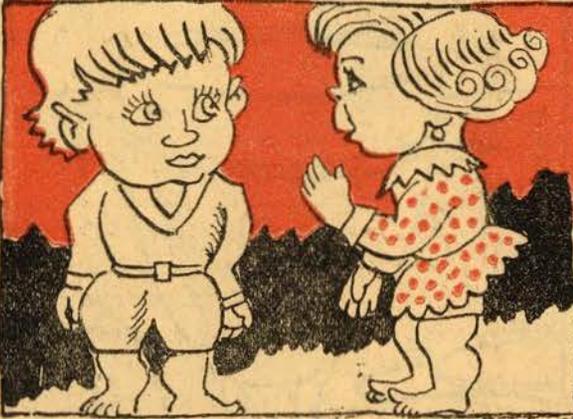
Este cálice, que contém vinho do Porto, é dum chinês que muito o aprecia. Vejam, se descobrem o seu possuidor.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O ACRILO — (Numidavulterina) —

INCORRIGIVEIS



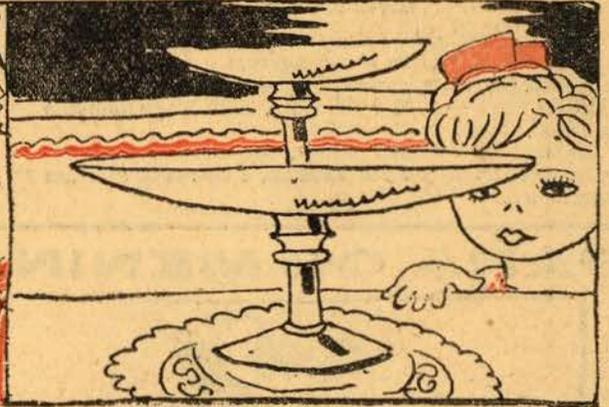
I — A mamã de Juca e Juta, que são dois grandes maraus, prometeu só dar-lhes fruta, quando eles não fôssem maus.



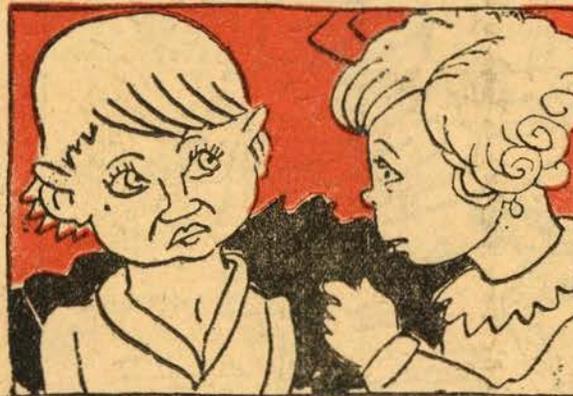
II — Portando-se uma beleza, embora com muito custo, deu-lhes bela sobremesa, como, afinal, era justo.



III — Mas uma certa manhã, à cozinheira ouve a Juta, dizer a sua mamã, que se esquecera da fruta.



IV — Indo contar ao irmão o que ouvira, os dois maraus bradam, contentes: — então, nós já podemos ser maus!



V — Porém, quasi à noite, após, mil maldades, Juca e Juta ouvem dizer que os avós mandaram cestos com fruta.



VI — E, então, à mesa ante a fruta e o castigo decretado, diz o Juca para a Juta: — «Se temos adivinhado!...»